

MIGUEL TORGA E OS REFLEXOS DA EMIGRAÇÃO. PERIGO E LIBERDADE EM *O SENHOR VENTURA*

CARMEN MATOS ABREU*

Resumo: *A busca de prosperidade, económica e social, sempre constituiu o móbil fundamental do fenómeno migratório, mobilidades físicas e emocionais que cruzam o inesperado, vitórias e derrotas, incapazes de abalar o orgulho daqueles que partem. O sonho de ascensão social lidera a aventura, desamarrando laços sentimentais e prometendo fortuna e felicidade, tal como aconteceu ao herói de O Senhor Ventura, de Miguel Torga. Quando em meados do século XX português a Literatura descrevia quadros de vida, onde se incluía o espírito aventureiro da identidade portuguesa além-fronteiras, o herói torquiano sociabilizou-se e transformou-se integrando novas estruturas sociais e pondo à prova os seus amplos rasgos de inteligência, tenacidade e pronto desembaraço, registando ainda o obstinado empenho e aventureirismo português — traços psicológicos da identidade nacional que jamais foram desmentidos.*

Palavras-chave: *Miguel Torga; Senhor Ventura; Emigração século XX; Mobilidades.*

Abstract: *It's commonly known that the central motive of the migratory phenomenon has always been to attain prosperity and economic and social well-being. Those who depart frequently face unexpected physical or emotional disturbances, some victories, and defeats, unable to shake their pride. Untying sentimentalisms and promising fortune and happiness, the dream of social rising always invites to the adventure, such as happened to the hero of the novel O Senhor Ventura, by Miguel Torga. In the middle of the 20th century, the Portuguese Literature described pictures of real life, including the adventurous spirit of the Portuguese identity beyond borders. By taking part in some new societal structures in the Orient and demonstrating his ability of intelligence, tenacity, and readiness, the torquian hero became socialized and self-transformed, confirming the persistent Portuguese commitment and adventurism — after all, psychological features of the Portuguese identity that were never denied.*

Keywords: *Miguel Torga; Senhor Ventura; 20th century immigration; Mobilities.*

Em tempos em que as ofertas mediáticas, da palavra escrita ou verbalizada, e da imagem, estavam longe de imaginar a atual rede digital da chamada Era da *Big Data*, divulgadora pela palavra e imagem, no aqui e agora, dos mais diversos tipos de fenómenos sociais, ou outros a nível planetário — para já não se referir interplanetário —, a mobilidade de pessoas decorria, fundamentalmente, de um processo lento e anónimo, apenas dele tomando conhecimento aqueles que, de muito perto, se relacionavam com o(s) emigrado(s), em solo pátrio ou estrangeiro. As notícias eram transmitidas por via oral ou mensagem escrita, por amigos ou portadores que percorriam distâncias a pé, a cavalo ou de barco, quando a geografia assim o exigia, e permitia.

* CITCEM/FLUP, Portugal; G-ACERVOS, Univ. Fed. Bahia, CNPq, Brasil. Email: carmen.m.abreu@gmail.com.

No tema Mobilidades, fenómeno social que sempre acompanhou a Humanidade, estando particularmente em causa as ocorrências de expressão individual ou coletiva, e a partir das mais variadas motivações ou imposições locais ou intralocais, nacionais, internacionais ou transacionais, no processo é maioritariamente o indivíduo quem recebe o enfoque, com agregadora vantagem de objetivos e consensos ou, no seu oposto, vítima dos mesmos, quer sejam físicos, psicológicos, materiais ou imateriais. Porém, não nos iremos referir às novas tintas tipológicas que tão vivamente vão colorindo uma parafernália de sistemas e meios que substantivam o atual paradigma da mobilidade humana, a já chamada Era das Migrações — conforme referido neste Colóquio por Diego Ramiro Fariñas —, mas antes ao ousado fenómeno de emigração que lhe é anterior, ou seja, àqueles que partiam à aventura entregues aos perigos do acaso e buscando no destino o conforto sonhado dentre a liberdade e a prosperidade que não encontravam em solo pátrio. Neste âmbito, na obra *Portugal pelo Mundo Disperso*, Eduardo Lourenço inicia a *Introdução* com uma generalizada, mas muito interessante descrição do emigrante português. Lê-se assim:

Os portugueses foram, desde muito cedo, cativados pela ideia de horizontes mais vastos do que os oferecidos pela sua terra de origem. A própria localização geográfica de Portugal, na encruzilhada de rotas muito antigas, andadas por muitas e variadas gentes de muitas e variadas proveniências, terá contribuído para que sentissem o apelo da partida, por ímpeto aventureiro e de descoberta ou, mais prosaicamente, por necessidade de sobrevivência e procura de condições de vida mais favoráveis¹.

Na novela *O Senhor Ventura*, vinda a público há 75 anos, percebe-se que todos estes fatores subjazem à razão da mobilidade do herói, que o imaginário de Miguel Torga magistralmente registou.

Mas antes de passarmos para uma abordagem mais incisiva acerca da narrativa proposta, será útil recordar-se que a escrita de Miguel Torga, iniciada na segunda década do século XX e distendida até aos anos 70 do mesmo, atravessa o «século de todas as suspeições, [o que] faz de Torga um ser literário [...] [que] dá a ler na sua actividade de escrita uma tentativa de resposta às fragmentações e estilhaços»², palavras de Helena Carvalhão Buescu, o que confere ao trabalho literário de Torga, ainda no dizer da mesma académica, um projeto existencial³. Lançado um olhar sobre o ensaio *Miguel Torga et la passion du dehors: une poétique de la relation*, referindo-se aos imensos percursos que preenchem as narrativas torguianas, Marie Graciete Besse elenca alguns traços caracterizadores das obras deste escritor:

¹ LOURENÇO, 2013: 11.

² BUESCU, 2005: 254.

³ *Vd.* BUESCU, 2005: 254.

*sites mystérieux, légendaires, riches de références culturelles, des lieux périphériques et parfois sublimes, la grisaille du quotidien et de l'anonyme, le récit méticuleux d'expériences, de rencontres, de signes improbables, ainsi qu'une lucide réflexion sur l'être individuel et collectif*⁴.

Não será possível negar-se que a leitura de *O Senhor Ventura* nos deixa facilmente perceber que todos estes enfoques preenchem o texto, publicado em 1943, quando um novo panorama ideológico se começava a afirmar, também na Literatura que dava já os primeiros passos na recuperação do Realismo Literário deixado para trás nos finais do século anterior. E assim sendo, o Neorrealismo, «um movimento político empenhado em soluções transformadoras da sociedade portuguesa, cuja dimensão teórica apresentava como traço essencial uma perspectiva totalizante dos problemas e das soluções»⁵, foi o primado estético que enformou a maior parte do trabalho literário torguiano, geralmente espelhando uma contundente crítica social. As complexidades que claramente se conformam em *O Senhor Ventura*, considerado por muitos críticos literários como o primeiro trabalho de ficção relativamente longo e independente de Miguel Torga⁶, vão encontrando soluções para cada circunstância, até que finalmente a morte detém o protagonista, convertendo-o em herói-trágico⁷. Tendo este escritor, a partir de 1929, sido colaborador da revista «Presença», cuja orientação abandonava os cânones literários até então normativos para abraçar a liberdade temática, em que o ser individual e a vertente de estrutura psicológica passaram a ocupar o centro da atenção narrativa, não admirará pois que esta trama expresse, com reconhecida energia, o firme propósito de análise do quadro social daqueles que emigravam, a par de uma dinâmica doutrinária baseada nas causas e efeitos que nela se espelham.

Entretanto, e sem pretendermos desviar a nossa atenção do tema «Mobilidades» a que este texto obedece, permitimo-nos tecer um breve apontamento acerca do carácter picaresco do Sr. Ventura, teorização muito presente na crítica literária deste romance. Se acima já consideramos o protagonista como herói-trágico, poderá também ser analisado como anti-herói, desta vez emoldurado noutra figura literária, a do herói picaresco. Personagem de estatuto social que o afasta por completo do ideal cavalheiresco, para ultrapassar as dificuldades com que se depara num irrequieto percurso de viandante, e sempre eivado pela ânsia de ascensão social, este protagonista alheia-se de exemplaridades, põe em prática ilegalidades, astúcias e patifarias, sumariamente, incorre em todo o tipo de acometimentos imorais. Mas declinaremos demais considerações neste âmbito,

⁴ BESSE, 2009: 66.

⁵ PITA, 2002: 16.

⁶ *Vd.* SEIXO, 2009: 85.

⁷ A personagem Sr. Ventura é também considerada um mito por José-Augusto França: «E que história a sua! — pícara, ingénua, maliciosa, safada, trágica, ao fim, porque em tragédia sempre morrem os mitos». FRANÇA, 1986: 86.

convocando as elucidativas palavras de Maria de Fátima Marinho quando, num texto escrito em francês acerca das figuras picarescas de Miguel Torga, refere:

Dans cette atmosphère de légitimation du non-héroïque — c'est-à-dire de personnages dont les actes et les sentiments n'ont rien ni d'exemplaire, ni d'élevé — il est aisé de convoquer la figure picaresque du fripon, telle que la tradition littéraire l'a consacrée. Partant du principe que le type picaresque met à jour tout ce que l'homme recèle de plus négatif et qu'il représente, inévitablement, un homme du peuple — incarnation exemplaire de l'anti-honneur et de l'ascendance douteuse, dotée de caractéristiques qui parviennent à subvertir les codes orthodoxes de conduite, lui conférant un statut social improbable — il n'est sans doute pas impertinent de penser aux personnages de la plupart des contes — et surtout à Monsieur Ventura (Senhor Ventura), protagoniste de la nouvelle homonyme, comme à des types picaresques, nonobstant l'absence de la confession imaginaire, traduite par l'emploi de la première personne de narration⁸.

É consabido que no tempo narrativo em que este romance torguiano se situa, estava em curso uma moldura de renovação de pensamento. Perante o descontentamento social pela falta de respostas ou soluções condignas à sobrevivência, motivado ainda pela repressão política, a fuga à realidade tornou-se o grande desafio de muitos cidadãos, e a obra *O Senhor Ventura* cumpre a função metonímica refletora do processo epocal de emigração, quando a liberdade, individual ou coletiva, era condição administrativamente recusada. Através de meios completamente alheados da vasta oferta que o atual mundo globalizado organiza, quer em termos de comunicação, quer de locomoção, quer de transferência e aceitação do indivíduo para outro país, os Senhores Venturas do século XX que se lançaram no projeto de mobilidade geográfica, quer por autodeterminação, quer por força do exílio, e com expressiva insistência nos anos 60, igualmente conheceram e deram forma a um processo de oscilação demográfica. E neste percurso, sendo que nem sempre a inclusão social lhes foi proporcionada, calcula-se que com frequência terão recebido, com dolorosa surpresa, a ostracização que não desejavam, e seguramente que terão experimentado o ousado impacto de «estrangement from the origin — disjointedness, disparity, decentralization, and marginality»⁹, conforme se lê na obra *The Semiotics of Exile in Literature* quando H. Zeng aborda e analisa as dificuldades sentidas pelos exilados. Mas também Miguel Torga deixa inequívocos reflexos desse estágio de desconforto e instabilidade quando, a partir de uma viagem por França, expressa no *Diário*, e a partir de «Lião, 25 de Agosto de 1970», o sentimento recolhido diante de fluxos migratórios de portugueses a tentarem obter autorização de permanência

⁸ *Vd. MARINHO, 2009: 113-114.*

⁹ *ZENG, 2010: 33.*

no país de acolhimento aventando a hipótese, e por comparação às descrições dos reais cronistas da *História Trágico-Marítima*, de algum daqueles emigrados poder «um dia ser o cronista capaz da História Trágico-Telúrica que viveu, por todas as razões — de tempo e de lugar — mais dilaceradamente ainda do que a outra»¹⁰:

*O drama da emigração... Aqui o tenho diante dos olhos, maciço, brutal, irremediável, a transbordar de exígua sala do consulado de Portugal e a indignar a vizinhança, ciosa do seu sossego, da sua higiene, dos seus ouvidos e do seu olfacto... É um enxame de aflições num cortiço burocrático, onde o zumbido dói no coração, e a imagem da pátria se reduz a um passaporte que permita viver em liberdade e fartura longe dela. O cônsul descreve, os jornais relatam, os filmes documentam, eu próprio posso agora testemunhar*¹¹.

Se nos referirmos às novas expressões de fórmulas sociais, aquelas que vão sendo configuradas pelos milhares de cidadãos, de escolaridade geralmente superior, nos seus projetos migratórios vão ocupar quadros empresariais ou outros nos mais diversos países, enquadramento que seria inimaginável há algumas décadas. À partida, e aceitando-se a regra geral, no atual sistema de mobilidade o cidadão é amparado, norteado e isentado do desconforto de desagradáveis incógnitas que o possam aguardar. Por outro lado, e concomitantemente, continuamos a assistir à infeliz diáspora de outros tantos milhares de cidadãos que, atravessando fronteiras terrestres ou marítimas, se submetem à fragilidade do elevado risco de aniquilação, cidadãos que afinal mais não almejam do que fugir à guerra ou à penúria social. Será de considerar que na época ficcionalmente retratada por Miguel Torga, logo à partida também as volubilidades migratórias imergiam nesse risco de o cidadão partir à descoberta na luta com o desconhecido, figurinos sociais e suas representações que nos deixam a refletir acerca dos fenómenos de repetição segundo o enquadramento epocal.

Socorramo-nos, entretanto, de um breve apontamento biográfico de Miguel Torga, que consideramos de grande utilidade à compreensão das suas opções literárias — afinal, sempre de difícil desvinculação do pensamento narrativo. Irá perceber-se que, como cidadão, as inquietações deste escritor decorrem também do conhecimento que ele próprio experienciou quando se viu forçado a emigrar, ainda que em circunstâncias dissemelhantes das da sua personagem em análise. Foi aos 13 anos que Torga se deslocou para Minas Gerais, Brasil, onde permaneceu durante cinco anos na fazenda de um tio paterno. Porém, não se tendo integrado adequadamente no seio destes familiares, e na medida em que efetuou alguns estudos em Leopoldina com reconhecido êxito,

¹⁰ TORGA, 2011a [1995]: 224.

¹¹ TORGA, 2011a [1995]: 224.

o tio entendeu por tal que o deveria repatriar, mas com a recompensa do pagamento dos estudos em Coimbra, a maneira de o ressarcir dos anos de trabalho que despendeu na sua fazenda. E por que assim foi, desde cedo Miguel Torga também conheceu as agruras e os efeitos do desenraizamento natal, dos efeitos da mobilidade geográfica, da inadequação ao novo meio, experiências que naturalmente ampliou nas páginas ficcionadas com relatos de situações análogas às que auscultara no terreno¹². Atente-se, então, como ao referir-se à personagem Sr. Ventura o autor escreveu no 1.º capítulo da obra:

Encho-me da lembrança mágica do senhor Ventura, que nenhuma razão impediu de correr as sete partidas que chamam em vão por cada um de nós. Na sua figura ponho a realidade do que sou e a saudade do que podia ser. Entrelaço no desenho do seu nome quando a imaginação me pede de distância e de perigo. Vivo nele. E, enquanto dura a memória dos seus passos, sinto-me tão verdadeiro que quase sou feliz¹³.

A demanda do Sr. Ventura foi arrojada. Projetando-o até ao continente asiático, onde se demora em Macau, Pequim e no deserto de Gobi, este português de Penedono, aldeia alentejana onde viveu como guardador de gado até aos 20 anos, iniciou em Lisboa o longo périplo que o esperava. Contudo, não foi sem nostalgia que partiu. Segundo o narrador, «passado o momento de fraqueza, o senhor Ventura, ao mesmo tempo que tinha pena de não ficar, sentia pressa de partir»¹⁴. Mergulhado e enleado na cegueira

¹² Posto isto, não pretendemos insinuar, e jamais defender, que o romance em análise pretenda ser autobiográfico. Não é esse o nosso entendimento. Miguel Torga era um observador perspicaz do mundo que o rodeava, e como a escrita ficcional se alimenta de episódios da Vida, também neste texto se poderão facilmente estabelecer nexos narrativos com a vida do próprio autor — porém, e salvo melhor opinião, sem justificação literária capaz e justificadamente aceitável. Da longa teorização numa obra já com alguns anos, de Clara Cabbré Rocha, aplicada ao trabalho de Miguel Torga acerca desta matéria, retiramos apenas uma breve citação que, e tão-somente, acreditamos que seja suficiente para clarificar o nosso entendimento: «Acontece por vezes que, ao percorrer uma narrativa, o leitor tem fortes razões para identificar a história vivida pela personagem com a do autor (quer por comparação desse com outros textos, quer a partir de semelhanças significativas, quer ainda fundamentando-se em informações exteriores ao texto). [...] A verdade é que, apesar disso, tal texto não é uma autobiografia, já que esta exige em primeiro lugar a identidade *autor/narrador/personagem assumida ao nível da enunciação*, e só secundariamente pressupõe a semelhança produzida ao nível do enunciado». *Vd. ROCHA, 1977: 108.*

¹³ TORGA, 2003b [1943]: 9.

¹⁴ TORGA, 2003b [1943]: 10. Um século antes, também Júlio Dinis escrevia acerca desta coincidência de sentimentos — aventura e saudade — daqueles que emigravam: «Tendes reparado alguma vez nesses pobres emigrantes que, seduzidos pelos ouropéis de enganosas esperanças, saem meninos das sombras da sua aldeia e vêm, em folgada peregrinação, até ao porto de mar onde os espera o navio que tem de os levar a praias desconhecidas?»

Antes de verem o oceano, essas imprevidentes crianças vinham alegres, riam, cantavam, sem saudades da sua terra, sem terrores do futuro e suspirando só pelo fim da jornada, que a sua impaciência alonga desesperadamente. Mas, à vista do mar, dessa imensidade de águas que nunca tinham sonhado; à vista do navio, essa movediça habitação, que por muito tempo vai ser a sua; quando lhes dizem que têm de perder-se como um ponto naquele horizonte vago, indistinto e solenemente monótono, ao grado daquelas ondas irrequietas, baixa-lhes ao coração uma nuvem de tristeza, corre-lhes os membros um estremecimento de receio; assaltam-nos as primeiras saudades, que são para as tristezas do desterro o que os vapores do Outono são para as cruzeiras do Inverno, chama-os então da aldeia que abandonaram uma voz desvanecida em que se confundem o canto das aves, o ciciar dos arvoredos e o sussurrar das fontes e dos ribeiros». *DINIS, 1992 [1870]: 78.*

da aventura, este herói partiu sem certezas, sem itinerário determinado, sem definição geográfica, sem roteiros, sem apoio de um qualquer «outro» que lhe amenizasse o percurso e mitigasse a violência do corte umbilical à família, à sociedade onde cresceu e ao espaço telúrico que o acolheu por berço, apenas dele sobressaindo «a dor da partida, e o futuro [que] parece um amplo horizonte vazio»¹⁵. Audaz no confronto com os perigos, sobrepunha-se-lhes, porém, a ânsia e o sonho de busca de liberdade. É esta aposta que leva a personagem a transitar do concreto para o abstrato por via alegórica, conferindo à obra de Miguel Torga, segundo Helena Carvalhão Buescu, o fenómeno de «“reconhecimento” identitário»¹⁶.

No cumprimento do serviço militar, a razão primeira que levou o Sr. Ventura até à capital, por irreverências baseadas em convicções várias incorreu em transgressões que o tribunal nunca conseguiu provar, e apesar de a sentença o absolver, ainda assim o Sr. Ventura recebeu guia de marcha de expatriação para Macau, servindo lá como soldado. É então durante a viagem¹⁷, quando a reflexão dá corpo à fantasia, quando a hipótese favorece o intento, quando o imaginado se adequa à grande façanha projetada ao horizonte numa aura poética conversora do mito em realidade, que o Sr. Ventura participa da certeza de que não iria cumprir os desígnios pelos quais fora exilado. Aportando a Macau,

*o senhor Ventura viu de repente toda a nebulosa viagem aberta num sol transparente. Era a liberdade inteira, a entrega do instinto e dos sentidos aos caminhos da aventura, o que todo aquele desassossego queria dizer*¹⁸.

Se no pacato e doméstico espaço entre a terra e o céu alentejanos o Sr. Ventura sonhava com a mudança, é, contudo, no movimento ondulante do longo percurso pelo mar até terras orientais que o ideal da aventura peregrina lhe começa a definir a possibilidade de uma existência verdadeiramente renascida. De resto, nesta narrativa não deixará de se reconhecer consentida analogia com o percurso sonhado pelo próprio autor. Em 3 de junho de 1987, em Coimbra e na véspera de encetar uma nova viagem pela Europa, Miguel Torga escreve assim no *Diário*:

Mais uma viagem. Mais oportunidades ao espírito e mais canseiras ao corpo. Foi sempre assim, e sempre os dois o agradeceram à vida. Um, feliz pelo acontecimento; o outro, ufano de o ter possibilitado. Espero que desta vez aconteça o mesmo,

¹⁵ ALVES, 2013: 265.

¹⁶ BUESCU, 2005: 252.

¹⁷ Se não existirem dúvidas de que todo o enredo do romance *O Senhor Ventura* também se constitui num périplo, composto de múltiplas viagens traçadas ao sabor das necessidades do protagonista, poderemos então observar esta obra, *lato sensu*, também como uma viagem, já que nela se congrega «partida, chegada, projecto, realização, caminho, travessia, finalização, retorno». *Vd. SEIXO, 1998: 12.*

¹⁸ TORGA, 2003a [1943]: 18.

já que ambos satisfazem um desejo velho, constantemente frustrado, de conhecer ao natural terras e mares por onde em tempos temerariamente me aventurei na pessoa do Senhor Ventura. Tudo está em saber se o atrevimento ficcionado se vai reconhecer no confronto com a realidade.

*Raramente o que se vê tem o fascínio do que se imagina*¹⁹.

Mas regressemos a *O Senhor Ventura*. Por calculada prudência, chegado ao Oriente o herói desta novela mantém-se por algum tempo nas hostes militares até que, considerado desertor, ingressa na marinha no mar da China onde permanece por cinco anos até se transferir para Pequim. Travado conhecimento com o Pereira, outro desertor português de origem minhota, o viandante protagonista revisita a terra-mãe sempre que o amigo, — cozinheiro por aptidão e a quem se associa no negócio local de venda de petiscos —, lhe proporciona agradáveis sinestésias através dos aromas gastronómicos que tinham ficado em Portugal. Ao mencionar que:

*o bacalhau à Gomes Sá, o chispe, o feijão com orelheira de porco, a chanfana, a meia desfeita e outras mais maravilhas do paladar passaram a ser comida em Pequim e a ter a dignidade que pelo menos tinham na sua terra*²⁰,

a narrativa proporciona o primeiro momento de destacada interpenetração e assimilação cultural, atributos que, após algumas décadas, terão certamente contribuído para a cultura de glocalização em curso, num projeto de convivências transnacionais, de tradição e continuidade da identidade portuguesa nos movimentos globais externos. E acreditamos que esta mobilidade de ícones culturais em Miguel Torga será também a razão pela qual ainda Helena Carvalhão Buescu refira que na obra deste escritor «há uma certa forma de “portugalidade”»²¹.

Mas não só os odores culinários se misturavam com os aromas locais, como ainda

*a ementa do dia seguinte era escrita numa ortografia a todos os títulos digna da Babel [...]. Mas naquele florilégio de línguas, umas escritas de cima para baixo e outras de baixo para cima, ficava tudo bem. Acontecia até que a incorreção moderava um pouco o realismo do que estava escrito*²².

Exemplificando, atente-se num dos pratos anunciados, comentado pelo narrador:

¹⁹ TORGA, 2011b [1995]: 207-208.

²⁰ TORGA, 2011b [1995]: 29.

²¹ BUESCU, 2005: 252.

²² TORGA, 2003a [1943]: 30.

RAVO DE MÃE COM VATATAS

*E este eufemismo todo por ser Páscoa. Porque nos dias do ano sem cotação no calendário, o Pereira perdia inteiramente a cabeça. Mas não deixavam de ser, entre eles e os outros portugueses desgarrados por tais paragens, como um sinal de David os dizeres grosseiros do anúncio. Eles eram, na sua letra rude e na sua sinceridade, uma imagem viva da terra rude que os vira nascer*²³.

Estes gestos simples em terras alheias, avulsos na maneira como eram transmitidos, naturalmente que terão sido responsáveis pelo diálogo cultural que brandamente se foi estabelecendo além-fronteiras, razão pela qual Isabel Alves refira que «os emigrantes transportam consigo sementes que num outro país hão-de dar frutos com um vago sabor a chão pátrio»²⁴. Sendo que o tempo narrativo está situado em meados do século XX, sabe-se que nesta época uma grande parte dos países era ainda desconhecida da maior parte dos cidadãos que habitavam o globo, e a amálgama da palavra escrita, que as ementas do Pereira apresentavam em Pequim, dentre esboços de frutos e letras de diferentes sistemas de alfabeto, não deixavam de traduzir, e anunciar, o grau cultural e de civilidade que, em termos gerais, o país de origem dos seus criadores socialmente atravessava. Crítica contundente torguiana, tecida com a mesma liberdade que a personagem Sr. Ventura experimentara, espelhando, afinal, o registo deixado no trabalho diarístico por este escritor, quando se autocaracteriza como tendo pretendido ser:

*um homem simples e prestável que não envergonhasse a espécie, um artista escravo da vocação, e um revolucionário que, com a arma da caneta e a firmeza do procedimento, contribuisse de algum modo para a subversão da ordem vigente e a edificação duma sociedade melhor*²⁵.

De resto, posicionamento também comum a outros escritores, que o escopo literário de meados do século XX afirmou, não sem indiferença a possíveis desconfortos censórios.

Foram imensas as peripécias aventureiras do Sr. Ventura. Após rixas e punições em que sempre andou envolvido, assumiu com o companheiro Pereira a travessia da Mongólia, então em guerra, para entrega de 200 camiões na China. E neste episódio romanesco uma vez mais é sublinhado o caráter façanhoso português: quando o Sr. Hughes, diretor da Ford, reuniu com os possíveis interessados na aventura proposta, na maioria americanos, para saber quem estaria disposto a assumir o contrato, relata o narrador-personagem que «Mal o homem fala em deserto, guerra e outras porcarias

²³ TORGA, 2003a [1943]: 30.

²⁴ ALVES, 2013: 268.

²⁵ TORGA, 2011b [1995]: 275-276.

assim, pareciam caracóis na concha... Nunca vi tanta cobardia junta!...»²⁶. Daí que, dentre uma multidão de americanos, apenas o Sr. Ventura e o companheiro aceitaram o perigoso desafio lançado à turba. E continua a ler-se:

— *Então o da América olhou aquela gente toda com desprezo, e disse isto: «Ninguém, não é verdade?». «Eu!», atirei-lhe à cara, com um passo em frente. «Eu e um camarada da minha terra!». [...]*

— *Olhou-me bem, e parecia não acreditar. Mas insisti: «Eu, já disse!». «All right!», respondeu-me ele então»²⁷.*

No espírito intrépido do Sr. Ventura, associado ao do colega Pereira, este talvez mais prudente do que tímido, a mobilidade geográfica afirma-se como um exercício em estímulo permanente, certificando o aventureirismo português já anteriormente afirmado ao mundo com caravelas rasgando mares e tormentas. Ambos os amigos, um do norte e outro do sul do retângulo nacional, cumprem nesta novela a completude geográfica portuguesa, denotando os seus caracteres: audaciosos, já que ambos eram desertores do serviço militar; desembaraçados, pois sempre superavam as contrariedades que os assolavam; e aventureiros, porquanto à semelhança da Fénix, partir e regressar cruzavam-se em permanente processo de regeneração e renascimento, patenteando determinação, força, persistência e resiliência.

Ultrapassadas incontáveis vicissitudes, permeadas de tiroteios, raptos, subornos, pancadaria, mortes, negócios lícitos e ilícitos, ou a perda do amigo Pereira no deserto da Mongólia, — o que deixou para trás o sonho de juntos voltarem a Portugal —, o Senhor Ventura não desiste da aventura e regressa a Pequim. Mas antes disso é a morte do amigo o primeiro grande abalo existencial, levando o Sr. Ventura a parar e a esboçar um exame de consciência, introspeção que lhe resfriou a racionalidade e avivou o lado sentimental, conforme descreve o narrador:

E pela primeira vez a sua humanidade dura teve consciência do mistério da vida e da morte, e das forças cósmicas que aproximam os homens e os fazem amar-se uns aos outros. Por que razão chorava ele o corpo exangue que lhe arrefecia nos braços? Tanta gente que vira morrer a seu lado! Mas, por mais que quisesse, não conseguia render-se à insensibilidade deste argumento. Conhecera aquele sujeito por acaso — continuava a tentar convencer-se —, sabia que se chamava Pereira, era do Minho e cozinhava bem. E nada mais. Que o distinguia, afinal, dos outros? Contudo, as lágrimas corriam-lhe em fio pela cara abaixo. O pobre do Pereira... De mais a mais sem culpa nenhuma...»²⁸.

²⁶ TORGA, 2003a [1943]: 34.

²⁷ TORGA, 2003a [1943]: 34.

²⁸ TORGA, 2003a [1943]: 48.

Eivado pelo persistente sonho da riqueza, o Sr. Ventura empreende, agora com sucesso, e no Grande Hotel de Pequim encontra a russa Tatiana, outra personagem em mobilidade geográfica, cuja atração pelo Sr. Ventura, mais física do que sentimental, ainda assim os levou ao casamento que ela rejeitava. Nasce Sérgio, a quem o pai dedicou tudo o que conseguira granjear ao longo da vida. Mas o carácter ardil e a sensualidade desregrada da vida noturna de Tatiana impediram que a união se prolongasse, embora o «instinto animal e a experiência de aventureiro»²⁹ do Sr. Ventura o elucidassem que a «carne que a sua volúpia devorava sabia ao mesmo tempo a mulher e a perigo»³⁰.

Novas investidas em negócios ilícitos expatriam o Sr. Ventura. Tendo deixado em Pequim o filho à guarda da mãe, também a fortuna para educação de Sérgio, viajou até Portugal na aventura e solidão da paisagem do transiberiano. Chegado à terra-pátria, as notícias no Alentejo trouxeram-lhe de novo o espectro da morte, a dos pais, acentuando-lhe a saudade do Pereira, de Tatiana e do filho que, já com 8 anos, a mãe remetera para Portugal espoliado da fortuna que ela esbanjara. Ainda assim, esperançado na mudança de carácter de Tatiana, e acreditando poder vingar-se de tamanhos ultrajes, já doente, e contra «todo o bom senso, era novamente o perigo e a liberdade que lhe apeteciam»³¹, sublinha o narrador. Em *A Criação do Mundo*, e referindo-se a si próprio, Miguel Torga escreve que «O homem só se descobre a descobrir. E descobria até que ponto ele [Miguel Torga] é capaz de reverter a seu favor os próprios malefícios da desgraça»³², descoberta que, entretanto, a personagem não chegou a efetuar — é que o Sr. Ventura regressa à China, mas morre logo de seguida.

No epílogo, o ímpeto de mobilidade no enredo não se detém. Sérgio, que tinha ficado internado num colégio em Lisboa antes do pai voltar a deixar Portugal, por falta de cumprimento com as mensalidades parte para Penedono com a chave da casa dos avós que o pai lhe deixara como único bem por via de sucessão. Para sobreviver, o jovem rapaz começa por guardar ovelhas na herdade alentejana onde seu pai já tinha trabalhado com a mesma idade, fechando-se um irónico ciclo familiar eivado de conformada fatalidade — escreve José-Augusto França: «Pode finalmente dizer-se que jamais um mito tão bem baptizado foi, em nome assim e fatalmente português»³³.

É inquestionável que Miguel Torga imprimiu um interessante dinamismo narrativo na novela *O Senhor Ventura*, «uma história portuguesamente verosímil, dado que somos os andarilhos do mundo, capazes em todo o lado do melhor e do pior»³⁴ — lê-se no *Prefácio*. Dentre partidas e regressos, a ânsia pela liberdade neutraliza a suspeição

²⁹ TORGA, 2003a [1943]: 62.

³⁰ TORGA, 2003a [1943]: 62.

³¹ TORGA, 2003a [1943]: 152.

³² TORGA, 1999 [1991]: 417.

³³ FRANÇA, 1986: 86.

³⁴ TORGA, 2003b [1943]: 5.

do perigo, e a mobilidade do indivíduo, cuja figura centralizadora é a personagem Sr. Ventura, distende-se ao estreito leque de personagens que compõem a trama, encerrada com a alegoria do retorno às origens, afinal, uma opção tão reconhecida no perfil do emigrante português. A pronta energia com que o Sr. Ventura atravessa continentes, oceanos e fronteiras terrestres, num intrépido investimento de mobilidade que não teme culturas, línguas ou religiões, e numa relação quase mítica com soldados, marinheiros, mercadores, contrabandistas e gente de outras práticas sociais, o todo no qual o Sr. Ventura se integra configura um espaço societal de coabitação de identidades. Na obra *A Identidade Cultural Europeia*, o caráter do Sr. Ventura parece pulsar nas palavras de Vasco Graça Moura:

*pioneiros da globalização pela descompartimentação planetária para que assim contribuimos, [...] também agentes de um diálogo intercultural que nos permite povoar o espaço da memória com essas memórias entrelaçadas do sagrado e do profano, das épocas e das realizações inesperadas, das semelhanças e afinidades, das influências e das interações...*³⁵.

Uns anos antes, a esta voz junta-se a de outro crítico literário, José-Augusto França, quando ao referir-se ao Sr. Ventura torquiano, escreveu:

Que mais português que o Ventura, na sua peregrinação, entre mortos e feridos, miséria e grandeza, amores e traições, fomes e febres, e alegrias — entre o Oriente, Tatiana e Penedono?

E aludindo de seguida a outra peregrinação, à de Fernão Mendes Pinto, segundo José-Augusto França «Do Fernão Mendes, temos por demais observado ou computado o teor informativo, em buscas biográficas que o inutilizam para aquilo que nos poderia ser útil», acrescentando que «Sem essas fraquezas históricas, o Senhor Ventura fica reduzido a si mesmo, imagem que se reflecte no próprio destino», experiência, através da qual, «na sua força quadrada de alentejano, mira-se um país inteiro»³⁶. Mas também Miguel Torga, ao referir-se ao constante fluxo migratório do povo português, corrobora nesta indelével noção que a Literatura expõe magistralmente em *O Senhor Ventura*:

é essa vocação planetária, essa inquietação dispersiva que faz do português um peregrino das sete partidas, um cidadão do mundo. Despido de pruridos raciais, uma vez em terra alheia, miscigena-se, adapta-se, integra-se, mas sem perder nunca os traços

³⁵ MOURA, 2013: 37.

³⁶ FRANÇA, 1986: 86 *passim*.

*nativos. E quando a saudade — um sentimento sem tradução efectiva e vocabular — o crucifica, regressa e retoma, na aldeia de onde saiu, o seu lugar de membro da junta ou de mordomo da festa*³⁷.

Tornou-se quase normativo que, ao longo da vida, por curiosidade intelectual ou por busca de diferentes condições sociais, os Senhores Venturas nunca se negaram a repetir experiências de mobilidade além-fronteiras. E Miguel Torga, numa fase já adiantada da sua vida, deixou-nos registo disso mesmo, que recordaremos citando um excerto do seu *Diário*, escrito em Coimbra a 21 de agosto de 1970, escrito antes de uma viagem até Itália:

*De mala feita para nova largada pelo mundo fora, sinto-me vazio, leve, como se tivesse perdido subitamente a densidade nacional. Tenho a impressão estranha de que toda a minha natureza está vaga, desocupada, cheia apenas de disponibilidade. O que não deixa de ser curioso. Dantes, atravessava sempre a fronteira com a pátria às costas. Agora, parece que a vou transpor sem nenhum carregamento. Ou, o que é melhor ainda, o levo sem lhe sentir o peso*³⁸.

Miguel Torga há 50 anos ou o Sr. Ventura há 75 anos, na busca da liberdade e indiferentes a perigos e a vicissitudes, ambos eram cidadãos em mobilidade social, ambos partiam à descoberta, e ambos eram já cidadãos mundo!...

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Isabel M. (2013) — *Palavras Migrantes: entre Willa Cather e Miguel Torga*. In CID, Teresa; ALVES, Teresa F. A.; BLAYER, Irene M. F.; FAGUNDES, Francisco C., coord. — *Portugal pelo Mundo Disperso*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, p. 259-270.
- BESSE, M. Graciete (2009) — *Miguel Torga et la passion du dehors: une poétique de la relation*. In LOURENÇO, Eduardo, *avant-propos — Miguel Torga, écrivain universel*. Paris: La Différence; Fundação Calouste Gulbenkian, p. 65-80.
- BUESCU, Helena C. (2005) — *Cristalizações: fronteiras da Modernidade*. Lisboa: Relógio D'Água.
- DINIS, Júlio (1992 [1870]) — *A vida nas terras pequenas*. In DINIS, Júlio — *Serões da Província*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- FRANÇA, José-Augusto (1986) — *O Senhor Ventura, lição pátria de ventura e desventura*. «Colóquio/ Letras», n.º 90, p. 85-86.
- LOURENÇO, Eduardo (2013) — *Introdução*. In CID, Teresa; ALVES, Teresa F. A.; BLAYER, Irene M. F.; FAGUNDES, Francisco C., coord. — *Portugal pelo Mundo Disperso*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, p. 11-16.

³⁷ TORGA, 2011b [1995]: 259.

³⁸ TORGA, 2011a [1995]: 223.

- MARINHO, Maria F. (2009) — *La figure picaresque chez Miguel Torga*. In LOURENÇO, Eduardo, *avant-propos — Miguel Torga, écrivain universel*. Paris: La Différence; Fundação Calouste Gulbenkian, p. 111-128.
- MOURA, Vasco G. (2013) — *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- PITA, António P. (2002) — *Conflito e Unidade no Neo-Realismo Português: arqueologia de uma problemática*. Porto: Campo das Letras.
- ROCHA, Clara C. (1977) — *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Almedina.
- SEIXO, M. Alzira (1998) — *Poéticas da Viagem na Literatura*. Lisboa: Cosmos.
- (2009) — *Torga et le roman, faire de pas... dans le corps du monde*. In LOURENÇO, Eduardo, *avant-propos — Miguel Torga, écrivain universel*. Paris: La Différence; Fundação Calouste Gulbenkian, p. 81-100.
- TORGA, Miguel (1999 [1991]) — *A Criação do Mundo*. Lisboa: Dom Quixote.
- (2011a [1995]) — *Diário*. Lisboa: Dom Quixote, vols. IX-XII.
- (2011b [1995]) — *Diário*. Lisboa: Dom Quixote, vols. XIII-XVI.
- (2003a [1943]) — *O Senhor Ventura*. Porto: Público. (Mil Folhas; 43).
- (2003b [1943]) — *Prefácio*. In TORGA, Miguel — *O Senhor Ventura*. Porto: Público, p. 5-6. (Mil Folhas; 43).
- ZENG, Hong (2010) — *The Semiotics of Exile in Literature*. New York: Palgrave Macmillan.